

Capítulo 12

**SOBRE BEBUNS,
NUDES E NATUREBAS**

um estudo sobre *hápx*
sufixal e *quasi-hápx* à luz da
Morfologia Relacional

*Carlos Alexandre Gonçalves,
Marco Antônio Gomes Filho e
Sarah Batista Santos*

PALAVRAS INICIAIS

Neste capítulo, analisamos o chamado *Hápx legomenon* (HL), denominação usada para acolher formações isoladas, das quais se conhece apenas uma aparição. (BAUER, 2001) Nossa abordagem é feita à luz do recente modelo teórico que acaba de integrar o paradigma da Gramática das Construções (GC) (BOOIJ, 2005; CROFT, 2001; GOLDBERG, 1995): a Morfologia Construcional (MC). (JACKENDOFF; AUDRING, 2016, 2018, 2020) Ao propor uma extensão do conceito de HL às estruturas morfológicas do português (GONÇALVES, 2012), descrevemos, mais de perto, os elementos morfológicos que, em posição de sufixo, constituem sequências únicas, isoladas,

denominadas de sufixoides por Rocha (1998), a exemplo do -aréu de “fogaréu” e do -anzil de “corpanzil”.

Como Jackendoff e Audring (2016, 2018), procuramos mostrar que essas unidades estão longe de ser interpretadas como fósseis morfológicos e são bem mais numerosas do que parecem. Num modelo que prevê a existência de esquemas irmãos, além das tradicionais relações de herança, formas como o -ebre de “casebre” e -um de “bebum” podem receber devido tratamento formal e é esse nosso principal objetivo. Para tanto, primeiramente definimos *hápax* para, na sequência, abordar, ainda que brevemente, o quadro teórico que sustenta a análise, a Morfologia Relacional (MR). Por fim, mostramos como a MR consegue fornecer tratamento adequado tanto para o que chamamos de *hápax* sufixal (GONÇALVES, 2012) quanto para os casos de *Quasi-Hápax* (QH). (SZYMANEK, 2005) Começamos a análise abordando de imediato a questão da (im)produtividade morfológica, pois essa noção está na base da própria definição de *hápax*.

Para compor o *corpus* da pesquisa, os dados foram extraídos de dicionários eletrônicos – tais como o *Dicio* e o *Priberam* –, dicionários etimológicos (CUNHA, 1975; MICHAELLIS, 2006) e gramáticas tradicionais, como as de Rocha Lima (1976) e Cunha e Cintra (1985). Ademais, utilizamos ferramentas de busca avançada *on-line* como o Palavras.net e o Palavrasque.com, os quais nos possibilitaram encontrar outras palavras formadas pelos afixos aqui estudados a partir da procura de uma determinada sequência em posição de sufixo, através das barras de busca disponibilizadas nesses *sites*. Feito isso, com o objetivo de comprovar que os dados coletados não constituem arcaísmos, sendo analisáveis e apresentando alto grau de composicionalidade (BYBEE, 2010), rastreamos as palavras complexas com os sufixos HL e QH nas ferramentas de pesquisa da rede social Twitter e recolhemos dados reais de interação para exemplificar os usos.

(IM)PRODUTIVIDADE EM QUESTÃO: DESCRIÇÃO E CATEGORIZAÇÃO DOS HÁPAX

Uma das peculiaridades das formações *hápax*¹ é, evidentemente, a improdutividade. Um HL, por ser um elemento formal não recorrente, submete-se a uma baixíssima aplicação e conseqüente especialização de significado ao longo do tempo, tornando-se muitas vezes um arcaísmo. (BAUER, 2001) Tal tema, entretanto, não é muito discutido na literatura linguística, já que se analisam, mais comumente, na esfera da formação de palavras, construções lexicais de grande recorrência na língua. Evidentemente, para determinarmos o que faz com que dado processo morfológico seja improdutivo, é essencial considerarmos o que se comenta sobre produtividade, a fim de que se constate, em oposição, quais são os aspectos fundamentais do outro extremo, considerando a produtividade, neste momento, como rentabilidade (CORBIN, 1987) e, por isso mesmo, possibilitando formular uma escala que traduza gradação.

A produtividade é um dos conceitos mais subjetivos e controversos na linguística, sendo até mesmo tido como “uma questão de alguma disputa” (BAUER, 2001, p. 10); pode ser reflexo da “criatividade que permite dizer algo que nunca foi dito antes” (HOCKETT, 1958, p. 34); da “disponibilidade síncrona de um elemento ou processo” (RALLI, 2010, p. 245); das “novas formações lexicais, independente do volume de palavras que gerem”. (GONÇALVES, 2019, p. 114) Qualquer que seja a concepção mais adequada, todas indicam, de maneira bem contundente, que a frequência é o critério central para a classificação de uma unidade morfológica ao longo de um *continuum* de recorrência ou prolificidade. (RIO-TORTO, 1998) No caso de um *hápax* ou QH, leva-se em conta a frequência *type*, isto é, aquela que tem como parâ-

1 Em princípio, o plural de *hápax* seria *hapaces*, mas tal forma não é sancionada pelos dicionários latinos, razão pela qual mantemos o singular.

metro o “número de palavras diferentes em uma classe, contadas uma a uma”. (GONÇALVES, 2019, p. 132)

Nesse sentido, assim como a produtividade é orientada pela descrição de certas condições em ocorrências mais amplas, as quais, em sua maioria, dizem respeito a certas restrições operacionais de caráter morfossemântico, a improdutividade, em ocorrências mais cerceadas, deve ser descrita e delimitada por seus condicionamentos.

Mesmo ocupando posição de sufixo e compartilhando algumas similaridades com os genuínos representantes dessa categoria, como o fato de serem formas presas – dependem da base para expressar seu conteúdo –, além da capacidade de mudança de classe, a se observar nas unidades em itálico a seguir, como em “andar” – “andarilho” (V - S) e “frio” – “friaca” (Adj - S), tais unidades, rotuladas por *hápax* ou QH, não pertencem prototipicamente à categoria dos sufixos, já que não são aparelhadas de rentabilidade, nem disponibilidade (CORBIN, 1987), isto é, a sufixação é um processo morfológico que atinge naturalmente um grande número de palavras e, em geral, está disponível para a criação de itens lexicais novos, como é caso de unidades como -ção, -eiro/a, -ada e -(i)dade. No entanto, é perigoso taxar um processo morfológico de produtivo/improdutivo de imediato ou simplesmente reduzir a produtividade a fatores como frequência, por exemplo. A produtividade de processos morfológicos “marginais” ainda assim é produtividade, só que em baixa escala. Um HL ocupa o nível mais baixo de rentabilidade, já que sua ocorrência é 1 (um), vinculando-se a uma – e somente uma – base da língua, em expressão e significado. (GONÇALVES, 2019)

Partindo desses pressupostos, podemos, agora, definir com mais precisão o que constitui um *hápax* em morfologia. O termo *Hápax Legomenon* é o nome dado a uma palavra que só aparece uma vez em uma obra, conjunto de obras de um autor etc. e a Bíblia geralmente é usada como exemplo, por possuir diversos HL (*hápax legomena* no plural). Em grego, a expressão “HL” significa “aquilo que é dito uma vez só”. A aplicação mais direta desse conceito foi a criação de dicio-

nários de línguas mortas e estudos sobre o conjunto literário de um autor. Logo ganhou relevância nos estudos de Ecdótica, ramo da Filologia ou da Crítica Textual que “[...] busca, por meio de minuciosas regras de hermenêutica e exegese, restituir a forma mais próxima do que seria a redação inicial de um texto, a fim de que se estabeleça a sua edição definitiva”. (MICHEA, 1972, p. 67)

Como se vê, o estudo dos HL se concentrou predominante no nível da palavra e, utilizando autores brasileiros da área da morfologia, são exemplos desse fenômeno “enxadachim”, encontrado apenas em Guimarães Rosa (BASILIO, 1997), “bucetante”, em Agamenon Mendes Pedreira, do jornal *O Globo* (GONÇALVES; ASSUNÇÃO, 2009) e “chuvinhenta”, do poema “Caso pluvioso”, de Carlos Drummond de Andrade. (GONÇALVES, 2012) No âmbito estritamente morfológico, o estudo dos *hápax* afixais ganhou destaque a partir do trabalho de Baayen e Lieber (1991). Autores como Plag, Dalton-Puffer e Baayen (1999) e, sobretudo, Bauer (2001), vêm se debruçando sobre o assunto.

No âmbito do português, até onde se conhece, foi Rocha (1998) o primeiro autor que chamou atenção para o fenômeno, chamando os casos a seguir de sufixoides, elementos que “conferem às palavras significados únicos, exclusivos específicos” (ROCHA, 1998, p. 124):

(01) ferrolho	marisco	fogaréu	casebre
marujo	rabiola	copázio	longinquo

Ao contrário do que se possa imaginar, o conjunto de unidades morfológicas que se assemelham às listadas por Rocha (1998) está longe de ser pequeno e, mais importante ainda, o inventário dessas partículas não é fechado: criamos *hápax* sufixais nos dias de hoje, o que mostra que o fenômeno em si parece produtivo. De fato, são relativamente recentes formações como “bebum”, “chatonildo” e – por que não? – “sanduba” e “nudes”. Esses últimos itens só diferem dos primeiros porque pressupõem um encurtamento anterior à adjunção

do item não recorrente. Ainda assim, são casos de HL, como os exemplos que constam de (02), a seguir:

(02)	lagartixa	felizardo	chatonildo	colorau	bebum
	pelanca	boliche	carnaval	mamilo	sanduba
	marujo	moçoila	jazigo	carniça	nudes
	riacho	bocarra	copázio	pedregulho	casebre
	nevasca	rapariga	choramingar	corpanzil	maré

Se alargamos um pouco mais a noção de HL, chegamos ao que denominamos de QH (SZYMANEK, 2005): elemento pouco recorrente que se aplica a pouquíssimas unidades lexicais na língua,² tendo baixíssima frequência *token*. Assemelham-se aos HL: (a) por serem de origem etimológica obscura e/ou pouco acessível; (b) adjungirem-se a base transparentes e, ainda que em menor proporção; (c) pertencer à esfera da improdutividade. Exemplos de QH são listados nos Quadros 1 e 2, a seguir, respectivamente para a formação de substantivos e adjetivos. Aproveitamos a oportunidade para ressaltar que o único caso de *hápax* sufixal envolvendo a criação de verbos foi “choramingar”:

2 Aqui, tomamos seis palavras como parâmetro, considerando o número de produtos com -idão e -est(r)e, dois sufixos improdutivos. No entanto, a escolha é altamente arbitrária. No site Palavras que Rimam, disponível em: www.palavrasque.com, a busca por formas terminadas por -idão retorna cerca de 50 palavras complexas, como “sofreguidão” e “amplidão”. Número um pouco menor (por volta de 30) é encontrado em -est(r)e (“terrestre”, “campestre”). Tomamos uma medida bem abaixo dessas para caracterizar os QH: um quinto da com menor ocorrência: 30/5=6.

Quadro 1 – Inventário de quasi-hápax formadores de substantivos

-aca	velhaca	friaca			
-ulo	glóbulo	grânulo			
-isco	chuvisco	asterisco			
-eba	natureba	mistureba	decoreba		
-aréu	fogaréu	povaréu	casaréu		
-ejo	sertanejo	vilarejo	lugarejo		
-é	miseré	fumacé	lamacé		
-icho/a	barbicha	rabicho	pinguicho	governicho	
-únculo	furúnculo	homúnculo	pedúnculo	carbúnculo	
-ázio	copázio	balázio	folhetázio	golpázio	
-alho	cabeçalho	espantalho	penduricalho	ramalho	
-acho	riacho	penacho	fogacho	populacho	covacho
-im	boletim	camarim	lagostim	festim	folhetim
-astro	musicastro	poetastro	politicastro	medicastro	filosofastro
-áculo	tabernáculo	cenáculo	espetáculo	receptáculo	habitáculo
-ículo	cubículo	fóliculo	versículo	fascículo	ventrículo

Fonte: elaborado pelos autores.

Quadro 2 – Inventário de *quasi-hápax* formadores de adjetivos

Adjetivos	-uço	dentuço	pinguço		
	-úsculo	maiúsculo	minúsculo	corpúsculo	
	-onho	risonho	tristonho	enfadonho	medo- nho
	-ucho/a	gorducho	fofucho	pequerru- cho	papelu- cho

Fonte: elaborado pelos autores.

Do inventário de HL e QH, apenas descartamos formas que apresentam um elemento não recorrente em posição interna, como “corp-or-al” e “com-il-ão”. Muito abundantes com o -ão de aumentativo e o -al que forma adjetivos a partir de substantivos, tais unidades recebem nomes variados: (a) infixos; (b) interfixos; e (c) unidades expletivas. Entendendo que não são formalmente sufixos, descartamos essas formas da análise. Passemos, na sequência, à apresentação do modelo que sustenta a análise: a MR. (JACKENDOFF; AUDRING, 2016, 2018, 2020)

ALGUMAS NOTAS SOBRE A MORFOLOGIA RELACIONAL

Uma discussão proeminente na maioria das teorias linguísticas tem sido a distinção entre palavras e regras, ou entre o léxico e a gramática, como se estivessem, nos termos de Jackendoff e Audring (2018, p. 469), “em diferentes ‘lugares’ metafóricos na mente”. Paralelamente, grande parte da Psicolinguística tende a tratar o armazenamento de palavras como algo distinto das regras gramaticais, posição explicitamente defendida, por exemplo, por Ullman (2004). Essa divisão é rejeitada pela GC (GOLDBERG, 1995), pelos Modelos Funcionais Baseados no Uso (HOFFMAN; TROUSDALE, 2013) e pela MC. (BOOIJ, 2010) Mostram Jackendoff e Audring (2018, p. 469), que “[...] essas

abordagens argumentam que as regras gramaticais são, elas mesmas, itens lexicais, ou seja, a gramática é parte do léxico” e essa assunção é explicitamente assumida pela MR. (JACKENDOFF; AUDRING, 2016, 2018, 2020) Demonstrando que em praticamente todas as teorias linguísticas, “[...] uma palavra contém peças de estrutura sobre três níveis: sua estrutura semântica, seus recursos sintáticos e sua fonologia”, a MR propõe que “[...] esses níveis são, em princípio, independentes, cada um com suas próprias condições características de boa-formação. Mas cada um também é ligado aos outros” (JACKENDOFF; AUDRING, 2016, p. 470): por exemplo, a camada fonológica pode ser ligada à camada morfossintática e esta à semântica. Os autores chamam esses *links* de interface de conexões e os notam com índices que mostram que partes da estrutura em um nível correspondem à estrutura em outro nível.

Os índices devem ser considerados como marcando o fim das linhas de associação. Nos casos mais simples, o mapeamento é trivial, como se observa a representação a seguir, com o significado em maiúsculas e o “S”, um substantivo:

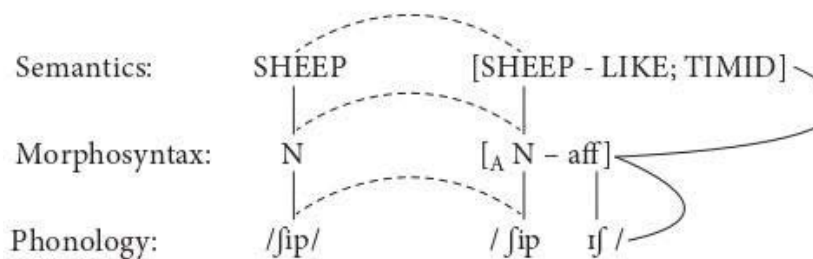
(03)	SEMÂNTICA:	[ORELHA ₁]
	MORFOSSINTAXE:	S ₁
	FONOLOGIA	/ ore'λa ₁ /

Mais interessante é a representação de uma palavra complexa, como “orelhudo”. O nó morfossintaxe codifica o fato de que essa palavra é um adjetivo constituído de um substantivo mais um afixo. O coíndice 2 vincula a semântica, a morfossintaxe e a fonologia da palavra inteira, assim como o coíndice 1 vincula as camadas em (03). O coíndice 1 relaciona a categoria sintática “Substantivo” com o significado ORELHA e a fonologia / oreλ /. O coíndice 3 liga o afixo com a fonologia / udU/:

(04)	SEMÂNTICA:	[ORELHA ₁ – AVANTAJADO] ₂
	MORFOSSINTAXE:	[_A dj S ₁ – AF ₃] ₂
	FONOLOGIA:	/ ore'λ ₁ udU ₃ / ₂

Para Jackendoff e Audring (2016, 2018), um coíndice como 1, em (04), também vincula as partes relevantes de “orelhudo” à palavra-base “orelha”. Com isso, unifica as duas palavras e a correlação serve como um elo relacional. Para eles, se notarmos os *links* “[...]” como linhas de associação em vez de coíndices “[...]”, “pode-se ver que os links de interface (linhas sólidas) conectam níveis dentro de um item léxico, enquanto os *links* relacionais (linhas tracejadas) conectam partes que são iguais em diferentes itens lexicais” (JACKENDOFF; AUDRING, 2016, p. 171), como mostram na representação da Figura 1, para “orelha” (*sheep*) e “acanhado” (*sheepish*):

Figura 1 – Redes relacionais



Fonte: Jackendoff e Audring (2016, p. 171).

Dado o formato para representar palavras, a notação em (04) pode ser facilmente enriquecida de modo a estabelecer generalizações. Extraindo a contribuição de “orelha” (03) para “orelhudo” (04), chegamos a (05) como o padrão cujas instâncias incluem formas como “queixudo”, “barrigudo”, “bigodudo” e “bundudo”, entre tantas outras. Habilidades cognitivas como a metáfora e a metonímia podem expan-

dir o uso de -udo e responder por formas como “baleiúdo” (“gordo como uma baleia”) e “abelhudo” (“xereteiro”). O polo semântico fica livre para ser alimentado por qualquer teoria que dê conta de aspectos semântico-pragmático-discursivos:

(05)	SEMÂNTICA:	[X _y – AVANTAJADO]z
	MORFOSSINTAXE:	[_{Adj} S _y – aff3]z
	FONOLOGIA:	/...y udʊ3 /z

Jackendoff e Audring (2016) comprovam que há esquemas com funções gerativas e relacionais. No entanto, não há esquemas com função apenas gerativa, “[...] porque qualquer instância de um esquema que pode ser gerada online pode também ser armazenada [...] Pode-se armazenar itens de todos os tamanhos [...] sem perder a estrutura interna que os conecta aos padrões gramaticais da língua”. (JACKENDOFF; AUDRING, 2016, p. 473) Desse modo, existem dois tipos de esquemas: (a) os produtivos (que têm a capacidade de prever a criação de novas formas); e (b) os não produtivos (aqueles que deixaram de ser usuais nos dias de hoje). No caso de (a), há um paralelo com as chamadas Regras de Formação de Palavras (RFPs) do modelo serialista, já que os esquemas preveem novas criações lexicais. No caso de (b), os esquemas abrangem apenas a função relacional e equivalem, com as devidas concessões, às chamadas Regras de Análise de Estrutura (RAEs), de Basilio (1980), pois, embora analisáveis e composicionais, não estão mais disponíveis na atual sincronia. Portanto, uma primeira grande vantagem do modelo é a descrição de formas sem raiz identificável sincronicamente.

Com as principais ideais da MR devidamente apresentadas, passamos, a seguir, a mostrar o poder descritivo de seu formalismo. Segundo os autores, tais evidências “nos levam a refletir sobre questões mais amplas [...], e sinalizam alguns desafios para a gramática de constru-

ção standard”. (JACKENDOFF; AUDRING, 2016, p. 475) Começamos com o caso de sufixos bem estabelecidos que apresentam bases sem qualquer correspondência com palavras (formas livres). Não estamos nos referindo a *doublets*, com “*estômago*” e “*estomacal*” e “*cabra*” e “*caprino*”, em que as correspondências são mais óbvias, dada a alta semelhança sonora entre as formas de raiz. Estão em jogo, nos dados (06b), a seguir, as chamadas raízes de fronteira (RALLI, 2010), basoides (ROCHA, 1998) ou raízes-*hápax*. (GONÇALVES, 2019) Em comum nas diferentes terminologias, está o fato de termos, nesses casos, raízes prontamente identificadas, mas que ocorrem apenas numa única formação (daí o termo *hápax*). Temos, em (06b), formações semitransparentes cuja analisabilidade é parcial, em função de existir uma forma não recorrente justamente na posição de base (diferente de 06a), o que não é capaz de impedir a composicionalidade dos significados, graças à alta produtividade do sufixo:

- (06) a. faringite, laringite, tendinite, labirintite
b. bursite, rinite, mastite, sinusite, otite

Jackendoff e Audring (2016) lembram que construções como as em (06) “[...] são frequentemente mencionadas na literatura, apenas para serem rapidamente deixadas de lado como uma pequena falha no sistema”. (JACKENDOFF; AUDRING, 2016, p. 474) O esquema de “bursite” pode ser apreciado em (07):

(07)	SEMÂNTICA:	[INFECCÃO] ₁
	MORFOSSINTAXE:	[- AF ₂] ₁
	FONOLOGIA	[bux ^h si+i.ʃ] ₂ ₁

Na fonologia, a terminação -ite é marcada em morfossintaxe como um afixo (coíndice 2), mas, nesse nó, não há nada que possa se vincular à sequência inicial de “bursite”, já que burs- não é uma palavra

por si só e, portanto, não tem categoria sintática. Essa ausência de morfossintaxe é representada por um travessão. Além disso, o significado de “bursite” não pode ser dividido entre o significado da base mais o significado do afixo. Por isso mesmo, a semântica também não possui *links* internos. Consequentemente, as ligações internas estão confinadas apenas à estrutura do afixo. Jackendoff e Audring (2016, p. 474) concluem o seguinte a respeito de dados como os de (06b): “acreditamos que seja exatamente isso o que se quer dizer sobre a estrutura dessas palavras” e, nos termos de Anderson (1992), “bursite” é parcialmente amórfica: -ite é um morfema, mas burs- não o é.

De qualquer maneira, é necessário captar o fato de as palavras terminadas em -ite expressarem a ideia de infecção, anomalia ou doença, pois é esta a generalização que os dados oferecem. Para dar conta de casos como (06b), um esquema em (07) pode ser formulado. Observe-se que a semântica afirma que -ite denota uma inflamação, da mesma maneira que as mais transparentes “labirintite”, “faringite” e “laringite”. Morfossintaticamente e fonologicamente, a palavra inteira é um substantivo que termina em um afixo pronunciado / iʃI / (coíndice 2). Nas palavras de Jackendoff e Audring (2016, p. 475): “isso é tudo: [...] não diz nada sobre a forma, a categoria sintática ou o significado da base”, pois essas informações não estão acessíveis. Na próxima seção, vemos como essas ideias podem ser aplicadas aos casos aqui analisados: *hápax* sufixal, HL e QH.

A REPRESENTAÇÃO DOS HÁPAX E QUASI-HÁPAX

Jackendoff e Audring (2016) afirmam que o conhecimento da linguagem é uma rede que possui nós interligados. Quando se considera a relação entre palavras em redes lexicais, não necessariamente se admite que haja ligação simples entre os nós; ao contrário, os nós contêm estruturas internas que são conectadas por *links* relacionais. Portanto, para explicar a função relacional, primeiro temos que suplementar os *links* de interface com um segundo tipo de *links*: os relacionais.

Consideremos, para tanto, a palavra “bebum”. A sequência -um se comporta como um sufixo deverbal adjungido à raiz beb-. No entanto, esse “afixo” é exclusivo de tal palavra, não havendo nenhuma outra na língua que apresente tal forma nessa posição. Muito apropriadamente, Jackendoff e Audring (2018) mostram que seria totalmente contraproducente formular uma regra de formação de palavras como “acrescente -um ao final de uma base verbal para expressar a intensificação de um atributo”, pois, afinal de contas, uma regra que se aplica a uma só palavra não é propriamente uma regra. No entanto, a relação entre “beber” e “bebum” pode ser capturada na notação MR, conforme mostrado em (08):

(08)	SEMÂNTICA:	a. [BEBE ₁] ₂	b. [QUEM [BEBE]1 MUITO] ₃
	MORFOSSINTAXE:	[V ₁] ₂	[V ₁ aff ₄] ₃
	FONOLOGIA	/ 'bɛb ₁ / ₂	/be'buN/ ₃

O subscrito ₁ liga os três níveis de “beber” e, da mesma forma, o subscrito ₃ liga os três níveis de “bebum”. Por outro lado, o subscrito ₁ também liga “bebum” à base de “beber”, marcando os dois como iguais. Essa conexão é o que Jackendoff e Audring (2016, 2018, 2020) chamam de *link* relacional. Esse *link* não é usado para derivar “bebum” de “beber”; em vez disso, simplesmente marca o que os dois itens lexicais compartilham: o vínculo (marcado pelo coíndice), portanto, “apoia” ou “motiva” “bebum”, tornando-o menos arbitrário que uma palavra como “caqui”, que carece de estrutura interna. “Bebum” é mais fácil de aprender, então, porque tem uma parte previamente conhecida; e é mais fácil de processar, por causa da ativação extra que vem de “beber” e de outros derivados, como, por exemplo, “bêbado”, “bebida”, “beberagem”, “beberrão” e “bebeção”.

Dois outros itens lexicais apresentam significado bem próximo de “bebum”: “bêbado” e “beberrão”. Como não acreditamos na existência de sinônimos perfeitos, o que se consagrou, nas abordagens constru-

cionistas, como o Princípio da Não Sinonímia³ (GOLDBERG, 1995, p. 67), a construção com HL ganha significado próprio, diferente das demais já existentes. Além da diferença pragmática, já que “bebum” é uma formação mais restrita a registros menos formais, há também diferença semântica. No caso de “bêbado”, tem-se um estado ocasional, passageiro, momentâneo, de alguém que bebeu excessivamente. O “beberrão”, por sua vez, embora beba com muita frequência, não chega a ser um alcoólatra, pois consegue dominar o consumo, ainda que o faça reiteradas vezes. O “bebum” é um alcoólatra com características próprias: é uma espécie de “pinguço”, uma pessoa que bebe excessivamente e causa situações vexatórias com seu estado de embriaguez. Portanto, “bebum” representa o estágio máximo numa escala de embriaguez/alcoolismo.

Em uma primeira tentativa de justificar a produtividade 1 desses “sufixos”, utilizamos como ponto de partida as reflexões propostas por Basilio (1987), que atestam que os processos de formação de palavras apresentam função discursiva e, por isso, expressam aspectos subjetivos do emissor, adquirindo, assim, significados muito específicos, o que os impede de se adjungir a um maior número de bases. Talvez seja essa a situação, por exemplo, de -ebre, em “casebre”. Ao contrário do que mencionam muitas gramáticas tradicionais, a exemplo de Cunha e Cintra (1985) e dicionários eletrônicos como: *Dúvidas de português* ([20--]), que alegam estarmos diante de um diminutivo, -ebre não expressa apenas a noção de pequenez. A postulação de esquemas irmãos é uma solução bastante apropriada também para essa palavra, já que seria extremamente contraproducente postular uma regra ou formular uma hierarquia construcional para dar conta de uma única palavra:

3 Princípio da não sinonímia: “se uma construção é sintaticamente distinta de outra(s), também deve ser semântica ou pragmaticamente distinta”. (GOLDBERG, 1995, p. 67)

(09)	SEMÂNTICA:	a. [CASA ₁] ₂	b. [[CASA] ₁ HUMILDE] ₃
	MORFOSSINTAXE:	[S ₁] ₂	[S ₁ aff ₄] ₃
	FONOLOGIA	/ 'kaz ₁₀ / ₂	/ka'z ₁ +ɛbr ₁₄ / ₃

“Casebre” pode ser definida como “casa pobre, de construção ins-tável, feita com materiais improvisados”, uma “habitação rústica e po-bre; buraco, choupana, tugúrio”.

Em resumo, ousamos afirmar que os *hápax* sufixais aqui reunidos apresentam, em sua totalidade, significados mais densos, nos termos de Ralli (2010), uma vez que se especializaram tanto semanticamen-te que acabaram, por isso, não se aplicando a nenhuma outra palavra. Por outro lado, não é raro encontrar casos de HL e QH funcionando como o item analógico de criações em espelho, a exemplo dos seguintes:

(10)	natureba	□	mistureba, decoreba
	fumacê	□	lamacê, miserê
	fogaréu	□	povaréu, mundaréu, aguaréu

Outros acabaram formando famílias muito pequenas de itens complexos, a exemplo de -onho. Na MR, ao contrário de outras abor-dagens construcionistas, reforçamos, os esquemas têm dois usos: o gerativo e o relacional. Muitos deles, no entanto, podem desempenhar apenas a função relacional. Bom exemplo em português é o pequeno grupo de adjetivos terminados em -onho. Como se vê em (11), há cla-ramente um padrão: três substantivos e um adjetivo são acrescidos desse “sufixo” e formam um adjetivo cujo significado é “que desperta, causa ou aparenta X”.

(11)	riso - risonho
	medo – medonho
	enfado – enfadonho
	triste – tristonho

Obviamente, podemos formular um esquema para dar conta dessas formas em português. Esse esquema, no entanto, está longe de ter função gerativa, pois os falantes do português não formam, nos dias de hoje, adjetivos com essa terminação, soando estranhas construções como “?choronho”, “?raivonho” ou “?contentonho”, todas com bases compatíveis com o significado do pretense afixo. O esquema em (12), portanto, tem função apenas relacional, já que serve para conectar esse pequeno conjunto de palavras complexas.

(12) SEMÂNTICA:	[QUE DESPERTA, CAUSA OU APARENTA] ₁
MORFOSSINTAXE:	[Adj N ₂ onho] ₁
FONOLOGIA	/ ... ₂ õŋU/ ₁

ALGUMAS NOTAS SOBRE (IM)PRODUTIVIDADE E NÃO SINONÍMIA

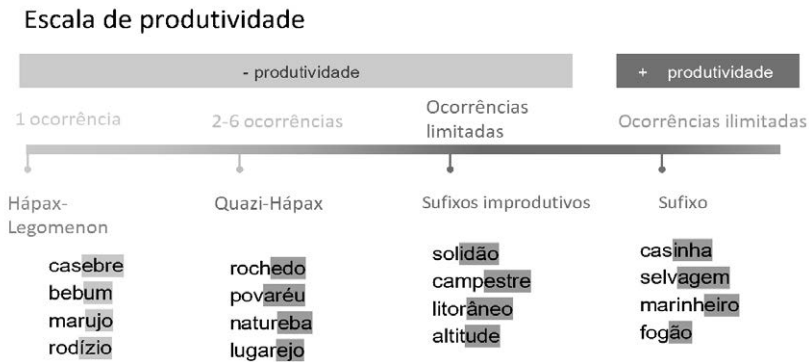
Neste capítulo, lançamos a hipótese de que unidades morfológicas pertencentes às categorias *hápax* sufixal e QH, que outrora funcionavam como sinônimos de outros formativos, perderam, ao longo do tempo, a capacidade de concorrência com formativos mais usuais devido ao conteúdo mais específico por eles expresso, levando-os a um grau muito elevado de densidade semântica (RALLI, 2010), o que culminou na sua improdutividade. Além disso, a subjetividade, manifestando sentimentos, emoções e opiniões dos falantes, reduz drasticamente o contexto de uso desses formativos para situações mais específicas. Isso confirma a proposta de Brasilio (1997), de que contextos podem interditar ou favorecer o uso de afixos, o que, por sua vez, pode os condenar à improdutividade, pois há relação direta entre coerência semântica e aplicação em série, como prevê Aronoff (1976).

Por fim, reforçamos a relevância do Princípio da Não Sinonímia. (GOLDEBERG, 1995) Considere-se, por exemplo, o par (“pov-ão/pov-aréu”), em que “povaréu” representa um membro do grupo QH. Apesar de a maioria dos dicionários alegar que ambas as construções

remetem ao aumentativo de “povo”, “povão” designa exclusivamente um grupo de pessoas – não necessariamente em grande quantidade – oriundas de classes sociais mais baixas, ao passo que “povaréu” é selecionado por falantes em contextos em que há multidões concentradas.

Com base no que se expôs ao longo do texto, propomos a seguinte escala de frequência de *token* para os elementos em posição de sufixo. Com frequência 1, no extremo esquerdo do *continuum*, estão localizados os HL. Avançando na escala, com até seis *tokens*, aparecem os QH. Sufixos improdutivos aparecem logo depois, variando em muito o número de itens lexicais que formaram. No entanto, todos têm em comum o fato de não serem representados por esquemas gerativos, pois não formam novas unidades. No fim da escala, aparecem os sufixos produtivos, descritos por esquemas gerativos que variam – e muito – na quantidade de palavras já criadas e potencialmente criáveis:

Figura 2 – Escala de disponibilidade e rentabilidade em sufixos



Fonte: elaborada pelos autores.

PALAVRAS FINAIS

Esperamos, neste texto, ter fornecido um panorama geral sobre o estatuto das formações com *hápax* sufixal e QH em português, à luz de

um enfoque teórico recente, a MR. Por seu caráter seminal, também esperamos que o trabalho possa servir de inspiração para outros sobre a questão da improdutividade lexical, bastante relegada a segundo plano nas análises morfológicas. Tanto é que Fally (2020) intitula sua resenha à conferência de Jennny Audring no evento Abralín on-line, em julho de 2020, de “Morfológia improdutiva como porta de entrada para a Morfológia Relacional”.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, S. R. *A-morphous Morphology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- ARONOFF, M. *Word formation in generative grammar*. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology Press, 1976.
- BAAYEN, H.; LIEBER, R. Productivity and english derivation: a corpus-based study. *Linguistics*, [s. l.], v. 29, n. 5, p. 801-844, 1991.
- BASILIO, M. *Estruturas lexicais do português*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- BASILIO, M. O princípio da analogia na constituição do léxico: regras são clichês lexicais. *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, p. 9-21, 1997.
- BASILIO, M. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.
- BAUER, L. *Morphological Productivity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- BOOIJ, G. E. Compounding and derivation. evidence for construction morphology. In: DRESSLER, W. U. et al. (ed.). *Morphology and its demarcations*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2005. p. 109-131.
- BOOIJ, G. E. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BYBEE, J. *Language, usage, and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CORBIN, D. *Morphologie dérivationelle et structuration du lexique*. Tübingen: Max Niemeyer, 1987.

CROFT, W. *Radical construction grammar: Syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

UNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

CUNHA, C. F.; CINTRA, L. *Nova gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DÚVIDAS de português. [S. l.], [20—]. Disponível em: <https://duvidas.dicio.com.br/diminutivos/>. Acesso em: 2 dez. 2020.

FANDRYCH, I. Submorphemic Elements in the Formation of Acronyms, Blends and Clippings. *Lexis: Journal in English Lexicology*, Lyon, v. 2, p. 132-147, 2008.

FALLY, I. Morfologia improdutiva como porta de entrada para a morfologia relacional. *Revista da Abralin*, [s. l.], v. 19, n. 2, 2020.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: A Construction Grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, C. A. V. *Morfologia*. São Paulo: Parábola, 2019.

GONÇALVES, C. A. V. Atuais tendências em formação de palavras no português brasileiro. *SIGNUM: Estudos Linguísticos*, Londrina, v. 15, n. 1, p. 169-199, jun. 2012.

GONÇALVES, C. A.; ASSUNÇÃO, F. P. de. A humorfologia dos cruzamentos vocabulares em Português: análise da coluna de Agamenon, de "o Globo". *Veredas*, Juiz de Fora, v. 13, p. 57-71, 2009.

HOCKETT, C. F. *A Course in Modern Linguistics*. New York: Macmillan, 1958.

HOFFMAN, T.; TROUSDALE, G. (ed.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

JACKENDOFF, R.; AUDRING, J. Morphological schemas: theoretical and psycholinguistic issues. *The Mental Lexicon*, [s. l.], v. 11, n. 4, p. 467-493, 2016.

JACKENDOFF, R.; AUDRING, J. Relational Morphology in the Parallel Architecture. In: AUDRING J.; MASINI, F. (ed.). *The Oxford Handbook of Morphological Theory*. Oxford: Oxford University Press, 2018. p. 402-441.

JACKENDOFF, R.; AUDRING, J. *The Texture of the Lexicon. Relational Morphology and the Parallel Architecture*. Oxford: Oxford University Press, 2020.

- MICHAELLIS, C. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 2006.
- MICHEA, R. Le langage et les nombres: essai sur les hápax. *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris*, [s. l.], v. 67, p. 92-110, 1972.
- PLAG, I; DALTON-PUFFER, C.; BAAYEN, H. Morphological productivity across speech and writing. *English Language & Linguistics*, [s. l.], v. 3, n. 2, p. 209-228, 1999.
- RALLI, A. Compounding versus derivation. In: SCALISE, S.; VOGEL, I. (ed.). *The Benjamins Handbook of Compounding*. Philadelphia: John Benjamins, 2010. p. 110-132.
- RIO-TORTO, G. M. de O. e S. *Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português*. Porto: Porto, 1998.
- ROCHA, L. C. de A. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- ROCHA LIMA, C. H. da. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1976.
- SZYMANEK, B. The latest trends in english word-formation. In: ŠTEKAUER, P. LIEBER, R. (ed.). *The Handbook of Word-Formation*. Netherlands: Springer, 2005. p. 429-448.
- ULLMAN, M. T. Contributions of memory circuits to language: the declarative/procedural model. *Cognition*, [s. l.], v. 92, n. 1, p. 231-27, 2004.